



## Primavera

Poema de H. Seidel traduzido e recriado por Ruth Salles

Foto: Danielle Dutra Felicori

*Que brisa, que brilho reluz na planura,  
que as plantas repinta, nas cores se esmera?  
E, enquanto me espanto, o regato murmura:  
"Se o verde revive, já é primavera!"*

*Que belos os prados, que brotos em festa  
já brincam, já bolem, na vida que impera!  
E, enquanto me espanto, responde a floresta:  
"Renova-se a flora! Já é primavera!"*

*Que riso nas rosas, que sopros suaves,  
que finas as flores na clara atmosfera!  
E, enquanto me espanto, proclamam as aves:  
"Já vimos! Já vimos! Já é primavera!"*





## Mutirão de primavera

Por Antônio Lino, pai no Jardim Ceciaram e no 2º ano  
Fotos: Danielle Dutra Felicori

No dia 3 de setembro de 2022, a deusa Deméter visitou a Aitiara. Foi num mutirão de primavera, quando as professoras, famílias e crianças do Jardim Ceciaram se reuniram para um plantio. Enxadinhas e enxadões capinaram os canteiros do parque. Depois de nutrida com adubo orgânico, a terra acolheu mudas de alface, couve, beterraba, orégano, almeirão, beringela, brócolis, couve-flor, brócolis, espinafre, cebolinha, tomilho, girassol e outras mais. O manjeriço e os moranguinhos que já estavam plantados se alegraram com a companhia.

Esses alimentos serão cultivados pelas crianças e estarão na mesa do lanche.

Foi um trabalho feito por mãos de gente – pequena e grande –, evocando na terra a sua divina fertilidade.

Além do plantio nos canteiros, foi construído um forno de COB, uma técnica de construção com terra modelada. Na hora de pisar o barro, a deusa Deméter não resistiu: tirou suas sandálias de couro, ergueu a saia e entrou na roda com as crianças. Batendo palmas, as mãos plantadeiras marcaram o ritmo. Só no Brasil mesmo para uma divindade grega dançar coco:

***Pisei, pisei, pisei***

***Pisei, pisei, tornei pisar***

***Eu rodei, rodei, rodei***

***Rodei, rodei, quero ver rodar***

O forno foi modelado como a cabeça de um dragão, com ventas fumegantes e uma bocarra com língua de fogo, em que serão assados os pães preparados semanalmente pela turminha. Deméter certamente garantirá o trigo.





## Labirinto de ervas medicinais: um convite à comunidade

Por Leonardo, Ana Maria e Luísa, pelo 10º ano da Aitiara Escola Waldorf (Fotos: Ana Tereza Retz)

Dentre as propostas do Novo Ensino Médio (NEM), foi organizada uma semana de trabalho com a terra para nós, alunos e alunas do 10º ano.

Formamos grupos de trabalho com o intuito de replantar a área recentemente adquirida pela escola e, para isso, abordamos temas e práticas agroflorestais e ambientalistas, realizamos a observação de pássaros e insetos, além do reconhecimento territorial.

Uma das vertentes dessa proposta foi o projeto elaborado em conjunto com o grupo terapêutico para a projeção de um canteiro de ervas medicinais em formato de labirinto circular.

Durante as aulas de geometria, projetamos e desenhamos o labirinto e, durante a semana do intensivo, um grupo transferiu o projeto para o terreno em escalas reais. O solo foi preparado e melhorado quanto a sua fertilidade por meio de adubação verde, objetivando o futuro plantio de ervas.

Esse processo árduo exigiu persistência e concentração. Foi preciso desenvolver o trabalho em grupo e uma noção social para a concretização de uma ideia abstrata.

Ao longo deste segundo semestre, as mãos pequeninas das crianças do projeto Sabiá ajudaram a cuidar do labirinto, garantindo a manutenção da forma.



Agora, para que possamos dar continuidade a esse projeto, precisaremos do apoio da comunidade. Pedimos a ajuda fraterna de doações de mudas de ervas medicinais e convidamos a todos/as para um mutirão de colheita das sementes de cereais e o plantio das mudas.

As doações de mudas já podem ser levadas para a escola e entregues na área externa da secretaria, onde será deixado um caixote devidamente identificado para esse fim.

Estamos abertos para receber todos os tipos de mudas medicinais, mas para ajudar na escolha, seguem algumas sugestões de espécies, tais como:

Lavanda • Alecrim • Poejo • Babosa • Carqueja • Mil folhas • Hortelã • Menta • Cavalinha • Malva • Artemísia • Funcho • Capuchinha • Espada de São Jorge • Capim limão • Erva cidreira • Camomila • Vetiver • Melaleuca • Erva baleeira • Calêndula • Orégano • Guaco • Manjerição.

O mutirão acontecerá no dia  
**5 de novembro de 2022, às 9 horas,**  
na nova área da escola  
(antiga sede da ONG Nascentes).



## Viagens e Teatro. Trabalho e aprendizagem.

Por Marianne Reisewitz, professora da Aitiara

As poupanças de classe representam um tema que acompanha as conversas e reuniões das salas de muitas escolas, especialmente nas escolas Waldorf e, em particular, na escola Waldorf Aitiara.

É comum que em dado momento do 1º ano do Ensino Fundamental as famílias e a professora – ou professor – de classe comecem a olhar para esse assunto.

A ideia central é que sejam “reservados” e poupados os recursos que apoiarão as viagens pedagógicas e o teatro do 8º ano.

As viagens principiam no 3º ano, em geral com uma visita às olarias, e seguem até o 12º ano.

Tanto as viagens pedagógicas quanto os teatros visam proporcionar que os conteúdos abordados e trabalhados nos diversos anos letivos e de acordo com as idades se transformem em vivências.

Estas vivências são ímpares para cada estudante e para cada professora ou professor que as acompanha e conduz, ainda que, por vezes, se repitam ou que sejam refeitas por outras/os. Elas ajudam a ampliar as compreensões e experiências de determinados conteúdos, apoiam as relações mais profundas entre aqueles que participam das empreitadas e permanecem armazenadas carinhosamente em nosso baú de recordações em um lugar especial.

Creio não ser demais mencionar que a expressão “trazer de novo ao coração” está na origem do termo recordar.

Muitas crianças e jovens aguardam pelas viagens ansiosamente: por vezes uma mala já está pronta, arrumada, dias antes; outros/as tantas/os mal pregam os olhos na noite anterior à partida ou, então, preenchem os familiares com os relatos entusiasmados e sem fim após o retorno.

Quanto aos teatros, a ansiedade e a tensão também vivem naqueles que estão diretamente envolvidos com o todo e se concentram na obra



Teatro do 8º ano de 2022 (Foto: Rodolfo Grabner)

coletiva apresentada. Essa revela a força do esforço e do talento artístico, os quais se aliam de forma sui generis e fazem com que guardemos em nossas memórias o muito que nós conseguimos atingir quando trabalhamos juntos. E, enquanto isso, o público pasma admirado e se alegra com o que percebe por meio dos seus sentidos, vibrando a cada pequena conquista diante das sutis belezas e presenças de espírito contagiantes.

Claro que há também situações mais difíceis, adversas. Para as nossas almas, no entanto, elas valem a pena. Passamos o Bojador. E no mar tenebroso dos desafios de nossas vidas, espelha-se também o céu.

Em nossa sociedade contemporânea, no entanto, a realização dessas experiências e vivências – assim como de muitas outras –, depende, ao menos em princípio, de um lastro de sustentação econômica. Nisso reside a razão da existência dessas poupanças de classe: do dinheiro que é poupado, conquistado, reservado para esse fim.

***Não por acaso o tema do dinheiro também pertence ao nosso currículo.***



A partir das percepções, reflexões, orientações e direcionamentos da pedagogia Waldorf, preparamos as crianças para que entrem em contato com conteúdos específicos em idades específicas. E é assim que, no ano em que as nossas pequenas/grandes individualidades completam 12 anos, dá-se, na matemática, um caminhar pelo mundo das grandezas e proporções, da regra de três, da porcentagem, do trabalho com números, valores, alguns dos quais nos são desconhecidos e devemos descobrir, calcular. Podemos imaginar que teia de significados essa tênue linha guarda.

Em meio a tudo isso chegamos, na escola Waldorf, por essa trilha de cálculos dos juros simples. No final do seu curso *A Arte da Educação II*,<sup>1</sup> Rudolf Steiner descreve como a individualidade que tem cerca de 12 anos consegue compreender os juros de uma forma não egoísta. É por isso também que esse assunto deve ser tratado nesse momento biográfico.

Com crianças dessa idade – momento em que a necessidade de julgar por meio do pensar passa a viver mais intensamente – percorremos então um caminho da economia de subsistência, passando pelas trocas (escambo) e atingindo o surgimento do dinheiro.

Em seguida olhamos em nossas aulas para os três tipos de dinheiro:<sup>2</sup>

1) **O dinheiro de compra, de consumo para o proveito próprio:** Ele é importante e ajuda a individualidade que o adquiriu;

2) **O dinheiro oriundo do empréstimo:** Ele tem o intuito de ajudar que novas obras sejam criadas a partir de novas ideias, ele também é importante e ajuda as duas individualidades: aquela que o recebeu como empréstimo e aquela que o emprestou;

3) **O dinheiro de doação:** Esse dinheiro, por fim, também é importante: ele é aquele que ajuda o outro.

<sup>1</sup> Rudolf Steiner. "Décima Quarta Conferência", in: *A Arte da Educação II. Metodologia e didática no ensino Waldorf*. São Paulo: Editora Antroposófica.

<sup>2</sup> Karl Schubert, *Der Mathematikunterricht in der sechsten Klasse an Waldorfschulen*. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben. (Tradução de Bárbara Trommer: *O ensino de matemática no 6º ano das escolas Waldorf. A introdução da álgebra a partir da economia*).



Agrimensura: 10º ano de 2022

A noção do dinheiro oriundo do empréstimo será basilar para o apoio do cálculo dos juros.

Ao buscarmos a compreensão da magnitude e do significado de cada uma das três "formas" de dinheiro é mister ressaltar que as três nos dão o lastro para olhar também para as "obras", para as realizações que empreendemos no mundo por intermédio dos recursos financeiros. É nessa direção que tentamos trabalhar com as crianças e os jovens dessa faixa etária, contemplando o dinheiro num sentido positivo, ou seja, de que ele é capaz de promover iniciativas, vida agrícola<sup>3</sup> e vida cultural<sup>4</sup> que proporcionem um bom desenvolvimento anímico e espiritual para o ser humano de um modo geral.

***O lidar coletivamente com o dinheiro em nossa sociedade contemporânea é laborioso, desafiante.***

<sup>3</sup> Talvez eu pudesse dizer aqui apenas vida cultural, uma vez que a agricultura também é cultura.

<sup>4</sup> No fundo, entendo a vida cultural como tudo o que cerca a vida humana, desde as suas obras mais físicas até aquelas mais espirituais.

Esse lidar coletivamente com o dinheiro pode gerar desentendimentos, antipatias, desconfianças, melindres etc. Não me isento. Sei que as poupanças de sala já engendraram mal-estar e contrariedades. Mas vejo que perdura um esforço para transformar as pelejas, superar as adversidades. Brotam alguns momentos bonitos entre as famílias, as quais são, muitas vezes, muito diversas umas das outras, sem afinidades diretas,<sup>5</sup> mas que se unem para essa tarefa.

***E é belo ver e acompanhar as empreitadas de trabalho coletivo, em que todos arregaçam as mangas e cada um põe a sua capacidade e força de trabalho à disposição, a fim de que seja gerado o lastro daquilo que proporcionará a vivência das crianças, ajudando-as a formar um grupo e preparando cada uma delas para seguir sua trilha individual no mundo, sabendo-se parte da humanidade.***

<sup>5</sup> O que é compreensível em nossa sociedade contemporânea. Ver o romance de Johann Wolfgang von Goethe, *As afinidades eletivas*. Editora Nova Alexandria.



Jogos Gregos do 5º ano de 2022, em Ribeirão Preto



Viagem para Minas do 10º ano de 2022



## As poupanças de classe hoje

Fabiana Pellegrini, professora de Literatura e editora do Amanajé, conversou com Marta Andrade (mãe no 12º ano), Ana Hitomi Hino (mãe no 3º ano) e Pedro Henrique Bussacos (pai no Jardim, 1º e 3º anos), familiares envolvidos com as poupanças de suas classes. Confira o podcast em duas partes.



**Parte 1**  
20 minutos



**Parte 2**  
27 minutos



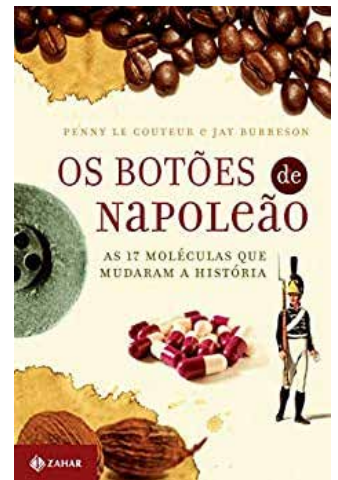
## Na estante da biblioteca

### *Os botões de Napoleão: As 17 moléculas que mudaram a história*

Penny le Couteur

Editora Zahar, 2006

Será que podemos explicar o fracasso da campanha de Napoleão na Rússia, em 1812, por algo tão insignificante quanto um botão? Quando exposto a temperaturas baixas, o estanho se esfarela, e todas as fardas dos regimentos de Napoleão eram fechadas com botões feitos desse material. Com estilo cativante, temperado com diversas histórias curiosas, a professora de química Penny Le Couteur e o químico industrial Jay Burreson fazem uma fascinante análise de 17 grupos de moléculas que, como o estanho daqueles botões, influenciaram o curso da história.



### *Eu sou macuxi e outras histórias*

Julie Dorrico

Editora Caos e Letras, 2019

“Julie Dorrico fez o caminho de esvaziar-se para ser preenchida pela memória e pelo pertencimento. Essas duas coisas estão presentes nos escritos poéticos e imagéticos que as palavras escritas agora dão forma. Ela nos presenteia com um mergulho em suas memórias ancestrais e contemporâneas para nos ajudar a criar coragem de trilharmos o mesmo caminho, aceitarmos o que há de originário em cada um nós e fazermos o caminho de volta, da aceitação, do desprendimento, da ancestralidade.” (Daniel Munduruku)

### *Com os pés na África*

Sérgio Túlio Caldas

Editora Moderna, 2016

Depois de ganhar um grande prêmio, o jovem Tulio joga a mochila nas costas e parte para ver o mundo. O primeiro destino é a África. Enquanto viaja, vai aprendendo sobre história, geografia, natureza e a cultura das regiões que visita. Nessa jornada, o personagem se torna uma importante testemunha dos nossos tempos.



# AMANAJÉ

**Conselho editorial:** Bruno Jubileu, Fabiana Camargo Pellegrini, Gabriela Guenther e Lívia Deodato. **Edição e revisão:** Fabiana Camargo Pellegrini. **Arte:** Gabriela Guenther.

Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores. Quem quiser colaborar com relatos, notícias ou informes, pode enviar seu texto para [amanaje@aitiara.org.br](mailto:amanaje@aitiara.org.br). Os materiais e sugestões serão avaliados pela equipe editorial.